



HAL
open science

Caipiras, citadinos e estrangeiros nas Comédias de Martins Pena.

Teresa-Cristina Duarte-Simoes

► **To cite this version:**

Teresa-Cristina Duarte-Simoes. Caipiras, citadinos e estrangeiros nas Comédias de Martins Pena.. 2002. hal-00412995

HAL Id: hal-00412995

<https://hal.science/hal-00412995>

Preprint submitted on 3 Sep 2009

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

**CAIPIRAS, CIDADINOS E ESTRANGEIROS NAS
COMÉDIAS DE MARTINS PENA**

Cristina DUARTE

Université de Toulouse – Le Mirail

As personagens brancas das *Comédias*¹ pertencem a três categorias bem distintas : são caipiras, cidadinas, ou estrangeiras. Entretêm entre si relações complexas que podem ser resumidas na dicotomia desprezador/desprezado.

Os habitantes da roça parecem desempenhar na obra cômica do autor brasileiro o papel mais ingrato. Admirativos diante do universo da cidade – simbolizado pela capital de então, o Rio de Janeiro² – esses roceiros

¹ Estudamos as personagens negras e mulatas das *Comédias numa análise anterior* : “ Do “ preto ” do cesto ao moleque do vintém : a escravidão nas *Comédias* de Martins Pena ”, *Les Langues Néo-Latines, Supplément au n° 319, Décembre 2001, pp. 177-229.*

² Também chamada de “ Corte ” pelos brasileiros, essa cidade foi capital do Brasil de 1763 a 1960.

descobrem um mundo novo, com uma ingenuidade que chega a ser ridícula. Essa descoberta pode ter sido feita no passado ou desenrolar-se diante dos olhos do leitor/espectador, no presente diegético.

Fala do passado, por exemplo, José, o namorado de Aninha em *O juiz de paz da roça*, pasmado ao descrever as mágicas que viu nos teatros cariocas ou o cosmorama da Rua São Francisco de Paula. Assombro que pode ser resumido pela frase lançada à namorada, caipira que nunca saiu do rincão natal:

José — (...) *Oh, se tu soubesses como é bonita a Corte !*³

Mas Aninha possui ainda senso crítico, no início dessa cena n° II, e julga severamente o rapaz embevecido:

Aninha : — *Essa gente quando vai à Corte, vem perdida.*

...antes de adotar exatamente o mesmo ponto de vista, na cena seguinte. Há magia e irrealismo nesse contágio :

Aninha : *–Como é bonita a Corte ! Lá é que a gente se pode divertir, e não aqui, onde não se ouve senão os sapos e as entanhas⁴ cantarem. Teatros, mágicas, cavalos que dançam, cabeças com dous cabritos, macaco major... Quanta cousa ! Quero ir para a Corte !*

Outro namorado volta também do Rio entusiasmado pelas coisas que lá viu. Trata-se de Antônio do Pau-d'Alho – futuro marido de Quitéria, escolhido pelo pai dessa – em *A família e a festa da roça*. O convencido guarda-nacional conta diante da “ platéia ” pasmada, as mágicas que viu e que considera fantásticas, ao mesmo tempo em que acentua o progresso da capital:

Antônio : *(...) a cidade está muito adiantada. Eu estive quatro meses destacado e posso dizer alguma cousa porque quando não estava de guarda, passeava.*

Quitéria, quanto a ela, adota o mesmo ponto de vista admirativo, não em relação ao Rio de Janeiro, pois como

³ Todas as citações do presente texto foram extraídas de Martins Pena, *Comédias*, Edição crítica por Darcy Damasceno, Rio de Janeiro, Ediouro Publicações, s.d.

⁴ Conservamos de maneira sistemática a grafia do texto original em todas as citações.

Aninha nunca foi lá, mas adota a mesma atitude superior e exibida em relação a São João de Itaboraí, centro produtor de café em plena expansão econômica. Uma sub-capital, de certa maneira, na qual a moça passou somente dois dias. Aliás, essa adoção rápida demais dos costumes e modas da cidade deixa o pai perplexo :

Domingos João para a esposa Joana : - (...) *Não lhe parece que a Quitéria, depois que passou dous dias em S. João de Itaboraí, está tão cheia de flatos e medeixes ?*

No entanto, esses modos ridículos e afetados não impressionam Juca, rapaz da roça que estuda Medicina há alguns meses no Rio. Ele consegue ver, atrás do pedantismo, o fundo bom da moça e, principalmente, o seu desinteresse :

Juca : - *Contudo, Quitéria é bem galante ! Na cidade vi muita gente bonita, porém nenhuma me agradou tanto como ela ; e demais, ela ama-me com sinceridade, pois só ama a minha pessoa, e não o meu dinheiro. Na cidade, isso se fia mais fino...*

A opinião de Juca contrabalança a dos dois outros sertanejos que voltaram da capital maravilhados. Mais instruído do que José e o presunçoso Antônio do Pau-d'Alho, o estudante sabe separar o trigo do joio e dar aos elementos da roça e aos da cidade o valor que realmente merecem. E isso só é possível porque frequenta os dois meios, apesar de carregar em si os valores do campo no que diz respeito ao amor e ao casamento.

A segunda situação apresentada nas *Comédias* é a dos roceiros que estão visitando a capital e nesse caso, a submissão ao universo citadino intervém no presente. Martins Pena mostra três personagens desse tipo em ação: o mineiro Tobias em *Um sertanejo na Corte*, o paulista Marcelo⁵ em *O diletante* e a cearense Rosa em *O noviço*.

O retrato do primeiro é incompleto, pois a peça chegou até nós mutilada e as aventuras do sertanejo Tobias interrompem-se na Cena VIII da segunda parte.

⁵ A personagem é apresentada como sendo paulista, mas na verdade é paranaense, pois faz várias referências a Curitiba. Isso se justifica do ponto de vista histórico, pois o Estado do Paraná fez parte da Província de São Paulo até 1853.

Entretanto, alguns trechos da comédia são suficientes para dar uma idéia do tom geral: o ingênuo caipira descobre o universo citadino e para ele o piano é " *aquele bicho que canta tão bonito e que está dentro daquele caixão* " ; os manequins de cera da Rua do Ouvidor são " *mulheres sem pernas e barrigas* " ; uma sege é " *uma casinha em riba de uma rodas e puxada por dois burros com umas cangalhas muito bonitas* " .

O desprezo do habitante da cidade responde a essa admiração boba. O simplório é considerado pelo anfitrião Pereira como sem educação e sem cultura, e o carioca chega mesmo a generalizar :

Pereira : *O que não vai por estes vastíssimos sertões que cobrem grande parte do Brasil ! (...) Desgraçada da nação cujos povos vivem na mais crassa e estúpida ignorância !*

Quanto a Marcelo, em *O diletante*, só é bem considerado pelas pessoas que o hospedam no Rio de Janeiro porque é rico e constitui um bom partido para a moça casadoura da família:

José Antônio : — *O Sr. Marcelo (...) é homem de bem, abastado e muito considerado lá em S. Paulo, ainda pode ser deputado e mesmo senador.*

Porém, à medida que a ação evolui, o caipira rico vai se tornar o foco do menosprezo dos cariocas que o recebem. Há nessa peça um assassinato simbólico do camponês pelos citadinos. Se na Cena II ele ainda é bem considerado — por causa do dinheiro — na seguinte, o dono da casa já lhe dirige uma crítica. Trata-se, pelo momento, de um aparte :

—O amigo Marcelo é homem rico, honesto e bom, ainda que rústico. Coitado, nunca saiu de S. Paulo ! É a primeira vez que vem à Corte ; anda espantadiço. Só uma coisa desgosta-me nele : o não gostar da música. Levei-o ontem ao teatro para ouvir " Norma " e dormiu a sono solto durante toda a representação. Dormir, quando se canta " Norma " ! Isto só faz um paulista dos sertões ! (...)⁶

⁶ Pode-se observar nessa peça o grande sincronismo que as comédias de Martins Pena entretinham com os acontecimentos da época. A primeira audição brasileira da *Norma* de Bellini teve lugar no Teatro São Pedro de Alcântara, a 17 de Janeiro de 1844. (Wilson Martins, *História da Inteligência*

O processo de desvalorização do sertanejo continua na cena seguinte, quando Marcelo conta o que viu durante o passeio que deu pelo Rio de Janeiro, mas uma desvalorização ainda recoberta de bons sentimentos pois José Antônio, bastante solícito, ajuda o caipira a dar um nome ao que vê : " é um realejo ", " é uma casa de leilão ".

Mas a crítica implícita passa a ser explícita quando o sertanejo ousa tocar no tabu de José Antônio : a ópera.⁷ Sobre esse assunto, qualquer apreciação desfavorável ou falta de interesse é considerada pelo melômano como crime de lesa-majestade. E a partir daí, a confrontação

Brasileira, volume II (1794-1855), Editora Cultrix, São Paulo, 1977, pp. 290-91). Martins Pena escreveu imediatamente *O diletante*, que foi encenada em Fevereiro de 1845.

⁷ A moda da ópera foi introduzida no Brasil por D. João VI, que havia trazido da Europa os próprios " castrati ", em 1808. Ela foi reforçada durante o Segundo Império (1840-1889) quando chegou ao país a imperatriz Teresa Cristina, esposa de D. Pedro II, princesa napolitana oriunda de uma família de melômanos. (Raimundo Magalhães Júnior, *Martins Pena e sua época*, Lisa-Mec, São Paulo, 1971, p. 78).

ópera italiana/música local vai funcionar como uma metáfora da confrontação latente cidade/campo. Há uma explosão, não se ameniza mais nada, a incompatibilidade entre esses dois universos antagônicos surge, definitiva :

José Antônio : - *Vá ao teatro ouvir Norma, Belisário, Ana Bolena, Furioso.*

Marcelo :- *Não acho graça nenhuma. Umas cantigas que eu não percebo e que não se pode dançar ; Não há nada como um fado.*

José Antônio : -*Que horror, preferir um fado à música italiana ! (A parte :) O que faz a ignorância ! (...) A música italiana, meu amigo, é o melhor presente que Deus nos fez, é o alimento das almas sensíveis.*

Marcelo : - *Pois o meu alimento é feijão com toucinho, fubá de milho e lombo de porco.*

Uma vez efetivada a ruptura, o caipira torna-se alvo de todas as agressões :

José Antônio (para Marcelo) : - *Animal, sim ! Arre, que já não o posso aturar !*

E até mesmo o outro convidado, Dr. Gaudêncio - paulista também, mas citadino - sente-se autorizado a ridicularizar o sertanejo :

Gaudêncio : - E o senhor com que se parece, com essa bota enlameada e esse ridículo ponche ? Que cara ! Sô tanajura !

Nessa altura dos acontecimentos, o caipira paulista passa a ser também apreendido pelas personagens citadinas como um homem violento, que tira uma faca das botas quando irritado (Cena X) e que aponta uma espingarda para o Doutor Gaudêncio quando se sente ofendido. A observação irritada do dono da casa marca bem a distância entre os costumes urbanos e rurais, diferenciação que se torna, a partir dali, definitiva:

José Antônio (para Marcelo): *Largue a espingarda. O senhor pensa que está em São Paulo ?*

A terceira personagem de caipira na Corte que aparece nas *Comédias* é feminina e bem menos importante que as duas precedentes, pois desempenha um papel secundário ; trata-se de Rosa em *O noviço*. Recém-chegada do Ceará, não constitui nunca alvo de críticas como as duas precedentes, pois talvez para tentar evitar o menosprezo de praxe, Rosa anuncia, logo no começo, com humildade :

— *Sou provinciana, não possuo talvez a polidez da Corte, mas tenho paixões violentas e resoluções prontas.*

Aliás, é interessante notar que é considerado caipira todo aquele que não é da cidade do Rio de Janeiro. Que a pessoa seja realmente sertaneja, como Tobias ou Marcelo, ou somente habitante de uma província, como Rosa, o desrespeito permanece o mesmo. Desse ponto de vista, a única personagem que constitui uma exceção nas *Comédias* é o Doutor Gaudêncio, pois apesar de ser

de São Paulo, é assimilado aos "urbanos", talvez graças ao título.

Assim, de uma forma geral, pode-se constatar que os sertanejos são sempre mal considerados pelos habitantes da capital que se sentem superiores, de maneira incontestável. A cordialidade do campo é recebida no Rio como subserviência, o pasmo como burrice. O único elemento que torna interessante o habitante do campo aos olhos do citadino, é o dinheiro e o prestígio social que pode ter... no seu rincão !

Outra situação apresentada nas *Comédias* é a do habitante da cidade que vai à roça. Obviamente, a atitude de desdém continua. Pereira e Silva,⁸ em *A família e a festa da roça* não param de criticar o povo do campo durante a folia do Espírito Santo⁹, chamando as pessoas

⁸ Talvez não tenha sido insignificante a escolha desses sobrenomes pelo autor. Wilson Martins (*op. cit.*, p. 247) menciona um certo Manuel Pereira da Silva (1817-1898) que foi um desses escritores literariamente medíocres que introduziram no Brasil o *feuilleton* francês que deu origem à "literatura de folhetim", tão ao gosto dos românticos...

⁹ Também chamada de Festa do Divino. Tratava-se da comemoração do Divino Espírito Santo, festa religiosa bastante popular.

de tapuia, figurão, serigaita (sic), tartaruga, D.Quixote, Cavaleiro da Triste Figura, bicho, marreco, marmanjola, galo, surucucu, carijó, estafermo, cascavel, etc... A frase de Silva na Cena III é definitiva e sem apelo :

Silva : — *E na cidade vão ao teatro ver comédia ! Isto é que é comédia ! (Riem-se às gargalhadas).*

Essa observação é aliás interessante sob um outro aspecto, pois permite a Martins Pena de " mettre en abyme " o seu próprio teatro : ali também, a comédia não estava somente no palco, mas também na sala : eram as mesmas pessoas que forneciam inspiração ao autor para criar suas personagens e que vinham assistir as peças. A frase de Silva pode também ser entendida da forma seguinte : *E no teatro vão ver comédia ! Isto é que é comédia ! (a vida social do Rio de Janeiro).*

Outro aspecto que as personagens da cidade criticam nas do campo é a cópia da moda da Corte, que por sua vez

copia a moda européia, sobretudo francesa. Pereira e Silva ironizam :

Pereira : - *Bravo à elegância !*

Silva : - *Foi Mme. Josefina¹⁰ quem fez o vestido ?*

... os simplórios caipiras copiam, os maliciosos citadinos denunciam.

Às vezes, o exagero da cópia é tão grande que provoca uma reação nos próprios sertanejos. Na mesma peça acima citada, o pai de Quitéria critica o comprimento exagerado do vestido da filha, que responde :

Quitéria : - *Mas meu pai, isto é moda na Corte.*

...resposta que provoca ainda mais a ira paterna :

Domingos João : - *Modas, modas ! Não quero modas em minha casa. E estes cabelos, que parecem linguiças, também é da moda ?*

¹⁰ Assim no texto.

Por outro lado, há também nas *Comédias* confrontação entre a esperteza da cidade e a ingenuidade do campo, que os dois observadores citadinos da festa da roça, Pereira e Silva, mostram muito bem.

Mas a peça que ilustra melhor essa situação é *Um sertanejo na corte*, em que o roceiro Tobias, mal chega na capital, é enganado por dois ciganos. Trata-se de vender ao mineiro um anel totalmente sem valor. E como quase sempre nos textos de Martins Pena, o aparte permite revelar o que a personagem realmente pensa :

Primeiro cigano, à parte – *Forte asno ! (A Tobias :) Se o patrício quer ficar com o anel, eu o deixarei em conta. Ele vale cento e cinqüenta mil-réis, mas como é para o senhor Tobias, eu o deixarei por cinqüenta.*

Essa cena parece ser freqüente no Rio de Janeiro, na época, pois na comédia *O cigano* a personagem principal,

que vive de negócios ilegais, ludibriando todo mundo, encontra também nos pobres caipiras o freguês ideal :

Cigano : - (...) *Viva eu como vivo, que os tolos dar-me-ão que comer e talvez que enriquecer... Um cordãozinho de ouro falso, vendido à noute a algum sertanejo ou simplório, enche-me às vezes a bolsa.*

Quanto ao paulista Marcelo, em *O diletante*, é mostrado da mesma forma que o mineiro Tobias¹¹, ou seja, como sendo incapaz de dar nome ao que vê. As descrições ingênuas que faz das coisas que descobre na capital são seguidas do nome delas, dado pelo dono da casa José Antônio :

Marcelo : - *Um homem trepado em cima dos balcões, com um martelo de pau na mão, gritando : Trezentos réis ! Quatrocentos réis, senhores ! Quinhentos réis !... E os tolos fazendo roda, a olharem para ele.*

José Antônio : - (...) *É uma casa de leilão.*

¹¹ Cf. *supra* p. 6.

Essa inocência sertaneja é no entanto considerada como qualidade pelos próprios habitantes do campo. *Em A família e a festa da roça*, Juca – que conhece bem a capital – compara as moças da cidade e as do campo e critica nas primeiras a atitude afetada que adotam em amor... imitada da França: citações de *Mme. De Genlis*, *Mme. De Staël*, de *Lamartine* (...).

No que diz respeito ao amor, como vimos,¹² cada conjunto de personagens permanece no seu próprio registro de valores : o campo é o modelo para os rurais, a cidade é o modelo para os urbanos.

Por outro lado, de uma forma geral, nas *Comédias*, as pessoas da cidade são mais espertas e desonestas do que as da roça. E a corrupção é freqüentemente uma característica masculina...

Desta forma, podemos concluir que, se pelo lado dos roceiros, é a idealização que caracteriza a atitude deles face aos citadinos, ao contrário, é uma atitude de

¹²Cf. *supra*, p. 5.

desprezo profundo que caracteriza a atitude dos habitantes da cidade face aos da roça.

Mas Martins Pena não se limita a denunciar isso ; diverte-se usando contra os agressores a mesma arma de que se serviram. Se as personagens rurais são o alvo do menosprezo e da ironia do povo da Corte, os brasileiros da capital são, por sua vez, o " caipira " dos estrangeiros.

Ingleses, franceses, portugueses e italianos são apresentados pelo autor como aproveitadores da situação, beneficiando da ingenuidade dos brasileiros, que por sua vez, vão idealizá-los da mesma forma que os caipiras fazem com os citadinos.

Gainer¹³, o inglês maquinista, na comédia de mesmo nome é o exemplo mais importante desse mecanismo em ação. Considerando-se bem mais esperto do que a população local, o britânico só tem por objetivo enriquecer-se no Brasil e por isso diz ter inventado uma máquina formidável, cujo funcionamento explica no seu português

incorreto, com a finalidade de extorquir fundos dos brasileiros tolos:

Gainer : – *Eu bota a máquina aqui no meio da sala, manda vir um boi, bota a boi na buraco da maquine e depois de meia hora sai por outra banda da maquine tudo já feita. (...) A carne do boi sai feita em beef, em roast-beef, em fricandó e outras muitas ; do couro sai sapatas, botas... (...) Das chiffres sai bocetas, pentes e cabo de faca. (...) Também sai açúcar, balas da Porto e amêndoas.*¹⁴

Uma das personagens da peça, Felício, desempenha o papel do brasileiro esclarecido que não se deixa levar por histórias desse tipo e responde com muita ironia ao inglês :

¹³ Seria esse nome inspirado do de George Gardner (1812-1849), botânico inglês que percorreu o Norte do Brasil a partir de 1836 ?

¹⁴ Para Wilson Martins (*op. cit.*, p. 312) a personagem do inglês maquinista é “ o tipo com que os brasileiros identificavam a civilização industrial e a opressão capitalista, vingando-se inocentemente com atribuir-lhes (sic) invenções abstrusas e fala arrevesada ”.

Felício : – *Mas veja como os homens são maus. Chamarem ao senhor, que é o homem o mais filantrópico e amicíssimo do Brasil, especulador de dinheiros alheios e outros nomes mais.*

...enquanto o aparte, como freqüentemente nas *Comédias* de Martins Pena, permite à personagem dizer o que realmente pensa : – *O bem dos brasileiros é o estribilho destes malandros...*

Porém, é o inglês Bolingbrok, em *As solteiras casadas* que resume de forma fria e cruel o que os ingleses pensam do país : – *Brasil é bom para ganhar dinheiro e ter mulher...*

Só sobra então aos brasileiros – aqui às brasileiras – como consolação, poder criticar a maneira de dançar dos dois ingleses que, segundo os critérios locais, bailam mal e de forma desajeitada :

Clarisse – (...) *Saltavam como uns demônios... Cada pernada !...*

Virgínia – (...) *E na polca ia tudo raso, com pontapés e encontrões. Todos fugiam deles. Ah, ah !*

Há também uma vaga referência à cópia da moda inglesa em *A família e a festa na roça* : Quitéria usa cachos à inglesa, desproporcionadamente compridos, uma moda muito ridícula, como foi observada por seu pai, que assimila os cachos da filha à lingüiças.¹⁵ Mas essa referência constitui uma exceção, pois o modelo em matéria de moda, nas *Comédias*, é a França.

De todos os países presentes nas *Comédias*, é aliás a França que beneficia da melhor imagem, uma imagem ideal, admirada e copiada por quase todos e criticada por alguns raros observadores mais agudos. Seja dito de passagem, Martins Pena é o primeiro a pagar esse tributo à cultura gaulesa, pois a comédia *As solteiras casadas* é apresentada por ele como sendo “ imitada do francês ”.¹⁶

¹⁵ Cf. *supra*, p. 15.

¹⁶ Martins Pena, *op. cit.*, p. 279. É interessante lembrar que o comediógrafo aprendeu francês aos 14 anos e que cursou a Academia de Belas Artes, em cujo corpo docente havia um grupo de artistas franceses (Magalhães Júnior, *op. cit.*, p. 11).

Apesar dessa grande admiração, que faz parte da moda da época do autor, o francês não aparece nunca nas *Comédias* enquanto personagem individualizada, como acontece, por exemplo, com os ingleses. Se há personagens francesas nas peças, não são nunca caracterizadas diretamente, mas de forma indireta. Silva, em *A família e a festa da roça* ironiza com as sertanejas, perguntando se foi Mme. Josefina¹⁷ quem fez o vestido. Compreendemos que se trata de uma modista francesa, mas em nenhum momento a dita personagem aparecerá na peça.

A observação de Jeremias, em *As casadas solteiras*, durante a festa na ilha de Paquetá, vai também nesse mesmo sentido :

— *Nesta barraca há um francês que, para lograr ao público e ganhar dinheiro, vestir-se-à de mágico a fim de predizer o futuro, fazer adivinhações e sortes, etc.*

¹⁷ Assim no texto.

Modista e mago, eis então os dois únicos franceses presentes nas *Comédias*, mas que não vão nunca ser mostrados em ação. Por outro lado, são inúmeras as referências à moda francesa. Aninha, em *O juiz de paz da roça*, pede ao pai, que vai à capital:

– (...) *Não se esqueça dos sapatos franceses que me prometeu.*

Para valorizar o anel sem valor que quer vender por um preço exorbitante para o roceiro Tobias, (*Um sertanejo na corte*), um dos ciganos utiliza o argumento que sabe ser infalível :

– *É a moda em Paris.*

Antônio do Pau-D'Alho, em *A família e a festa da roça*, apesar de pretensioso, é uma das raras personagens a conservar o espírito crítico no que diz respeito à moda inspirada pela França :

Quitéria : – *E há muitas modas novas ?*

Antônio : – *Modas ? Não faltarão enquanto houverem lojas de francesas e tolos.*

Além dessas referências, várias peças mostram a que ponto era importante para as famílias abastadas da época, saber falar francês.

Em *O inglês maquinista*, Júlia, a filha de Dona Clemência, aprende essa língua e, segundo a mãe, já está esquecendo o português (exagero pernóstico !). A pedido da mesma, a menina dá uma demonstração para as visitas Dona Eufrásia e João do Amaral. E as palavras francesas saem, mágicas, da sua boca: *bon jour*¹⁸, *table, bras, cou...* para grande admiração dos presentes. Em *Os meirinhos*, uma das personagens principais, José Patusco, oficial de justiça corrupto como todos os outros da peça, exhibe, pedante, o pouco de francês que sabe:

– *Ora, o l'argent comptant*¹⁹ *faz-me cócegas nas algibeiras.*

¹⁸ Assim no texto.

¹⁹ Em francês no texto.

Falar francês é, nas comédias de Martins Pena, algo que valoriza a pessoa, que eleva sua posição social, pois todo rico tem por obrigação dominar essa língua. É significativa desse fenômeno a pergunta que uma das personagens (Chem-Chem, dono da casa de bilhar) faz para Fróis, em *Os meirinhos*, quando este anuncia que vai se casar com uma moça rica :

— *Fala francês ?*

...e é evidente que a resposta só poderia ser :

Fróis — *Oh, fala perfeitamente... E que linda pronúncia que tem !*

Além disso, no universo das *Comédias*, estudos feitos na França constituem um excelente cartão de visita, como mostra o que Miguel diz para o pai, em *Os três médicos*, a propósito do amigo, Dr. Miléssimo :

— *Há pouco que chegou de Paris, onde estudou com muita aplicação a homeopatia.*

E uma única vez no decorrer das peças, a França divide com Portugal a primazia do valor cultural. Em *O diletante* Merenciana responde para a filha Josefina quando esta anuncia que está apaixonada pelo doutor Gaudêncio :

— *Ai, menina, logo um doutor de S. Paulo ! Se ao menos fosse de Paris ou de Coimbra !*

E podemos pensar que a crítica implícita do comediógrafo a todas essas preferências internacionais manifesta-se na resposta ousada — única em todas as *Comédias* — da mesma Josefina, refutando o que todos consideram um fato incontestável:

— *E em que valem mais os de Paris ou de Coimbra ?*

Em outros passos das *Comédias*, critica-se o preço exagerado que as modistas gaulesas pedem, aproveitando da ingenuidade e da bobice das brasileiras. Na Cena II de *O namorado ou A noite de S. João*, o rapaz Luís, menciona esse aspecto aproveitador das francesas :

Luis : - (...)o pobre pai de família paga a ladroada conta das francesas.

Clemência e a filha Mariquinha, em *O inglês maquinista* já tomaram consciência desse abuso e conversando de moda com as amigas Eufrásia e Cecília, dizem o que pensam :

Cecília : - Já não mandam fazer mais (os vestidos) na casa das francesas ?

Mariquinha : - Mandamos só os de seda.

Clemência : - Não vale a pena mandar fazer vestidos de chita pelas francesas ; pedem sempre tanto dinheiro !

E não é só a profissão de modista que é mencionada nas *Comédias*. Em *O caixeiro da taverna*, o latoeiro Francisco reclama junto ao amigo Manuel, da concorrência dos artesãos franceses, considerados, evidentemente superiores aos brasileiros:

Francisco : - Ora, dize-me, o que pode fazer um pobre latoeiro do país, quando a Rua do Ouvidor está cheia de latoeiros e lampistas franceses ?

Aliás, a continuação desse diálogo é muito interessante, pois o português Manuel, apesar de querer retornar a Portugal, parece muito bem adaptado no Brasil, pois adota um ponto de vista sobre esse assunto digno do brasileiro mais obtuso :

Manuel — *Se vocês trabalhassem tão bem como eles...*

...o que provoca a indignação de Francisco :

— *É um engano, é uma mania, e todos vão com ela ; é obra estrangeira, e basta ! Não se vê por esta cidade senão alfaiates franceses, dentistas americanos, maquinistas ingleses, médicos alemães, relojoeiros suíços, cabeleireiros franceses, estrangeiros de todas as seis partes do mundo. E resistam os artistas do país, se são capazes, a essa torrente ! (...)*

O mesmo ponto de vista é apresentado por Manuel em *As desgraças de uma criança*, falando dos sapateiros, alfaiates, marceneiros, etc :

— (...) os ofícios cá da nossa terra já não dão ; a concorrência de estrangeiros é grande. Só os empregos públicos é que são para os filhos do país, e isso mesmo..

Essa situação dos estrangeiros aproveitando dos brasileiros é muito bem resumida pela observação de Jeremias, em *As casadas solteiras* :

— Ora, esses estrangeiros são capazes das maiores extravagâncias para nos chuparem os cobres ! Se há tanta gente que acredita neles..

Martins Pena mostra que os estrangeiros têm culpa, mas também e principalmente, os brasileiros idiotas que acreditam em tudo o que esses estrangeiros propõem a ponto de os valorizarem de forma exagerada.

Os portugueses — e por extensão os açorianos — aproveitam também do Brasil e dos brasileiros, mas de uma forma, digamos, um pouco mais atenuada. Constituem, nas *Comédias*, personagens que agem e às vezes, são até

personagens principais, como o Manuel de *O caixeiro da taverna*. O retrato que o autor apresenta deles é o de pessoas que vieram somente para trabalhar e enriquecer o mais depressa possível. As vezes de forma honesta, como o ilhéu Manuel em *O namorador* ou *A noite de S. João* :

Manuel : - *Quem me dera no Tojal ! Há dois anos que aqui estou trabalhando para ganhar dinheiro e para lá voltar. Oh, quem pudera viver sem trabalhar ! Cresce-me água à boca, quando vejo um rico. São os felizes, que cá o homem anda de canga ao pescoço.*

...e o imigrante vê o seu sonho realizado por uma pessoa de seu conhecimento : a passagem reembolsada para o patrão, a volta à terrinha, condições econômicas suficientes para começar um negócio :

Manuel (para a esposa Maria): – *Quisesse Deus que eu tivesse algum dinheirinho junto ! Pagaria ao senhor o resto que lhe devo e ia comprar um burro e uma carroça para vender a iágua²⁰. O Zé voltou para S. Miguel com cinco mil cruzados que assim ganhou.*

Mas às vezes, o estrangeiro de origem portuguesa tenta enriquecer de forma desonesta e o leitor das *Comédias* encontra novamente o esquema esperteza X ingenuidade. O melhor exemplo disso é o caixeiro da taverna Manuel, que começa a ficar impaciente com a lentidão do enriquecimento tanto esperado:

Manuel : – *Há seis anos que cheguei do Porto e ainda sou caixeiro. Não pensei, quando vim para o Brasil, que fizesse fortuna tão devagar.*

E todos os meios são válidos para alcançar o objetivo tão almejado: Manuel vende lingüiças por paios, cebolas por alhos e, principalmente, tempera vinho com água, vinho aliás de Lisboa, que vende como sendo vinho superior do Porto. A autenticidade de tal trapaça é

²⁰ Martins Pena imita aqui o sotaque português tal como é apreendido pelos brasileiros.

garantida pelo letreiro pendurado na porta da taverna :
" Único depósito da Companhia do Alto-Douro " . Sem
escrúpulos, Manuel conhece, entretanto, muito bem a
psicologia do povo brasileiro :

Manuel : - *O público deixa-se levar por estas imposturas.*

Quanto aos italianos, já tivemos a oportunidade de
observar como o culto às óperas funciona para a
personagem principal de *O diletante*, como um elemento de
diferenciação diante do roceiro, que prefere as canções
de viola.²¹ Popular contra culto, eis o programa proposto
por Martins Pena, que mostra o conhecimento das óperas
italianas pelos cidadãos, bem como um desprezo completo
pelas formas mais populares de música, como o fado.

A personagem de Eduardo, em *Quem casa, quer casa* adota
uma posição interessante em relação aos artistas
estrangeiros que vêm ao Brasil. Sua posição, única nas
vinte comédias, mostra já um certo complexo de
inferioridade do brasileiro:

²¹ Cf. *supra*, pp. 8-9.

Eduardo – *Paulina, o artista quando vem ao Brasil, digo, quando se digna vir ao Brasil, é por compaixão que tem do estado de embrutecimento em que vivemos, e não por um cálculo vil e interesseiro. Se lhe pagam, recebe, e faz muito bem ; são princípios da arte...*

Além disso, outras referências à Itália aparecem nas *Comédias*, por exemplo em *O namorador* ou *A festa de S. João*, em que Luís propõe ao tio de inventar uma mentira para que D. Clara não desconfie de suas escapadas sentimentais :

Luís : – *Anda, e diga à tia que estava lá fora no portão, ajustando com o italiano das fazendas dois vestidos de crepe bordado dos quais lhe queria fazer mimo.*

E o leitor fica assim informado da existência de vendedores italianos que propõem tecidos de porta em

porta. Vendedores de tecidos somente, pois a confecção é reservada às francesas, como vimos.

Os estrangeiros tomam também a liberdade de criticar o país que os acolhe, no mesmo movimento de desvalorização do Brasil e de seus habitantes. Paulina, a irmã de Eduardo em *Quem casa, quer casa* é consciente disso, quando fala do artista estrangeiro em geral :

Paulina — *E depois das algibeiras cheias, safa-se para as suas terras, e comendo o dinheiro que ganhara no Brasil, fala mal dele e de seus filhos.*

De forma mais direta, o inglês Bolingbrok de *As Casadas Solteiras*, critica, com o seu português incorreto, a sujeira da barca que o trouxe à ilha de Paquetá :

— *É uma vergonhe estes barques de vapor do Bresil. Tão pórque, tão, tão, tão...*

Mas nessa mesma peça, a personagem do brasileiro Jeremias adota uma atitude bastante severa em relação a esses estrangeiros tão críticos dos aspectos locais :

— *Não gostam do Brasil, " Brésil non preste ! " mais (sic) sempre vão chegando para lhe ganharem o dinheiro...*

Por outro lado, não é só esse aspecto de enriquecimento rápido que irrita os brasileiros. Na mesma peça, o pai das duas moças Virgínia e Clarisse não gosta dos ingleses por outros motivos... mais políticos:

Virgínia — *Ele (o pai) diz que odeia aos ingleses pelos males que nos têm sempre causado, e principalmente agora, que nos querem tratar como piratas.*

Há aqui uma referência ao Bill Aberdeen, votado em 1845 pelo Parlamento inglês e que autorizava a Marinha do país a interceptar os navios negreiros e a levar a tripulação

para ser julgada na Inglaterra, o que provocava a ira dos brasileiros.²²

Além disso, é importante lembrar que, nessa época, os ingleses comercializavam 70% do café brasileiro no exterior²³ e eram, de certa forma, os "donos" do Brasil, o que, de modo evidente, não agradava também aos brasileiros. O antibritanismo do país já é bem visível a partir de 1826.²⁴ Desta maneira, observa-se que a força dramática das personagens é proporcional à intolerância vigente : as três personagens inglesas de Martins Pena são os únicos estrangeiros a quem o autor deu vida inteiramente. Além disso, seis anos após a estréia, *O inglês maquinista* ainda fazia rir a platéia carioca...²⁵

Quase sempre, então, nas *Comédias*, o desprezo é a resposta dada à idealização : o caipira idealiza a cidade, mas é desprezado pelo cidadão; este, por sua vez

²² Júlio Chiavenato, *O negro no Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987, p. 68.

²³ Chiavenato, *op. cit.*, p. 85.

²⁴ Chiavenato, *op. cit.*, p. 71.

²⁵ Magalhães Júnior, *op. cit.*, p. 65.

idealiza o que vem de fora do país (penteados ingleses, moda francesa, vinhos portugueses, óperas italianas), mas recebe somente desdém por parte dos estrangeiros. Estes estão, justamente, muito mais interessados em fazer fortuna e retornar rapidamente para o país de origem, do que em uma forma qualquer de integração, numa terra que desprezam.

Assim, no teatro da vida proposto por Martins Pena, cada um, por mais rico, culto ou manipulador que seja, acaba sempre por encontrar o seu próprio menosprezador.

Por outro lado, a sabedoria popular, através de um provérbio antigo, introduz um elemento novo de análise : " Quem desdenha quer comprar ". Partindo desse princípio, o que os desdenhados possuem seria então motivo de inveja por parte dos desdenhadores. Estes, por sua vez, não podendo alcançar a coisa desejada, transformariam a cobiça em menosprezo.

E qual seria o fruto tão ambicionado, senão aquele introduzido por Francisco de Melo Palheta em

Primeiras áreas de expansão cafeeira : sul de Minas,
Entre 1831 e 1840 : café = primeiro produto brasileiro exportado

O café enriqueceu os camponeses do interior de São Paulo e de Minas Gerais, enriquecimento rápido, não acompanhado da indispensável polidez e " savoir faire " tão apreciados pelos habitantes da Corte. Ricos mas brancos, os novos " barões do café " eram mal recebidos e desprezados pelos citadinos.

Por outro lado, privados dessa nova fonte de riqueza, os estrangeiros tentam ocupar outros lugares no seio da

sociedade brasileira. As vezes, um lugar ideológico e cultural, como os franceses ou os italianos, influenciando diversos aspectos culturais do país ; outros, como os portugueses, continuam relegados ao comércio e ao trabalho assalariado. Os que têm um desempenho